

DA DIALÉTICA À VIDA: APONTAMENTOS SOBRE “CRIME E CASTIGO” A PARTIR DA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE VIKTOR FRANKL

FROM DIALECTICS TO LIFE: NOTES ON CRIME AND PUNISHMENT FROM VIKTOR FRANKL'S PHILOSOPHICAL ANTHROPOLOGY

Beatriz Padial da Silva ¹

Achilles Gonçalves Coelho Júnior ²

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de discutir conceitos importantes da antropologia filosófica de Viktor Frankl – neurose noogênica, amor, autotranscendência – a partir da análise de dois momentos do romance “Crime e Castigo”, de Fiodor Dostoievski. Frankl destacou a possibilidade de a literatura ser considerada uma “biblioterapia” e apontou que um livro certo na hora certa poderia prevenir uma tentativa ou ato de suicídio, por meio das vivências de um personagem de seu dilema pessoal e possíveis saídas de seus problemas. Uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica proposta por Paul Ricoeur foi a base metodológica para a análise da obra e seus desdobramentos além da narrativa literária.

Palavras-chave: Logoterapia; neurose noogênica; autotranscendência, amor, biblioterapia.

ABSTRACT: This article aims to discuss important concepts of Viktor Frankl's philosophical anthropology – noogenic neurosis, love, self-transcendence – based on the analysis of two moments of the novel “Crime and Punishment”, by Fyodor Dostoevsky. Frankl highlighted the possibility of literature being considered a “bibliotherapy” and pointed out that the right book at the right time could prevent an attempted or act of suicide, through the experiences of a character of his personal dilemma and possible solutions to his problems. A phenomenological-hermeneutic perspective proposed by Paul Ricoeur was the methodological basis for the analysis of the work and its developments beyond the literary narrative.

Keywords: Logotherapy; noogenic neurosis; self-transcendence, love, bibliotherapy

¹ Especialista em Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl aplicada a Educação pela SOBRAL, Graduada em História (FFLCH/USP) e Mestre em Psicologia e Educação pela FEUSP. E-mail: biapadial@gmail.com

² Psicólogo, Especialista em Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl pela SOBRAL, Pós-doutorando em Psicologia na FFCLRP/USP, Doutor em Ciências pela FFCLRP/USP e Mestre em Psicologia pela UFMG. E-mail: achillescoelho@gmail.com

1.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intenção analisar dois momentos vividos pelos personagens Raskolnikov e Sônia, do romance “Crime e Castigo” de Fiodor Dostoiévski, a partir da antropologia filosófica de Viktor Frankl.

Em 1975, na conferência de abertura da Semana do Livro em Viena, Frankl (2018) realizou uma defesa de considerar o livro e a literatura como instrumento terapêutico, designando-os de “biblioterapia”. Advertiu que o livro certo na hora certa poderia prevenir até mesmo as pessoas de cometerem suicídio, conforme sua própria experiência como psiquiatra atestara. Um livro, ou até uma única frase, poderia levar a um confinamento ou abertura interior. Preocupado com a proporção tomada pelo niilismo contemporâneo, o autor defendia que a literatura poderia ser um instrumento terapêutico de combate às neuroses noogênicas, a saber, aquelas suscitadas pelo vazio existencial ou pela frustração em relação à realização de sentido para a própria vida. Essa linguagem tem em si uma riqueza de formação do imaginário, que nos ajuda a elaborar com nuances e delicadezas, a nossa própria condição humana. Quando mergulhamos num personagem literário, muitas vezes, conseguimos mergulhar em nós mesmos e em nossas próprias questões existenciais. Os clássicos literários têm essa força de apreensão de algo que é atemporal para a pessoa, e a cada leitura ou releitura, podemos encontrar uma outra perspectiva para a compreensão do que parecíamos já ter apreendido ou vivido, abrindo novas e talvez mais profundas camadas de entendimento sobre nós mesmos e sobre a alma humana, de maneira geral.

A obra de Dostoiévski³, originalmente publicada em 1866, escolhida aqui como objeto de análise, suscita nos leitores uma experiência de reconhecimento de beleza narrativa, estética, filosófica e literária que pode levar a uma gama de possibilidades de análise. Claudio Garcia Pintos (1999) capta de maneira sensível a importância do livro para um fim terapêutico:

Quantas vezes apelamos para uma história para compreender uma circunstância da vida? Em última análise, quantas vezes sentimos que tal livro “aconteceu” em nós? Aí, como elemento catalisador, como circunstância que

³ Para fins de esclarecimento, a edição do livro escolhida para ser usada nesse artigo tem a tradução de Oleg de Almeida e foi publicada pela Editora Martim Claret em 2013. A escolha não foi aleatória e insere-se num debate acerca dos diferentes sentidos atribuídos, especialmente à última parte do livro, para diferentes tradutores. Sob esse debate, sugerimos a leitura de Miranda, L. L. (2014). *Identidade Nacional Russa na Literatura de Viagem de Dostoiévski e Herzen*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

me permite me “perceber”, como encarnação de um valor, ali mesmo encontramos resposta ao “para quê” da biblioterapia (p. 21).

“Crime e Castigo” é um livro que já “aconteceu” em muitos leitores, ou seja, que conseguiu levar muitos leitores a refletir sobre valores essencialmente humanos, e poder se reconhecer como parte da narrativa, seja por experiências vividas próximas a algum dos personagens, seja por possibilidades de imaginar tais experiências como possível realidade. Isso se deve ao fato também de se tratar de um personagem principal que vivenciou um vazio existencial e seus efeitos violentos e neuróticos, gerado pelo que Frankl (2019a) identificou como “o espírito da época”. Esse livro contribui para uma reflexão profunda sobre o lugar do niilismo na forma de pensar e agir, bem como o quanto essa condição niilista é capaz de levar o homem à negação de si mesmo, enquanto sujeito livre e responsável. Ademais, também convida à reflexão sobre a possibilidade de se operar um giro existencial, tomando para si a vida novamente, a partir de uma retomada de sentido, e da autotranscendência, a partir da possibilidade de realizar o amor verdadeiro por alguém.

Para fins metodológicos, a escolha da análise parte de uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica defendida por Paul Ricoeur (1977), no que se refere aos níveis possíveis de interpretação do texto. Segundo esse autor, no primeiro nível, tomamos a narrativa em si e o enredo propriamente dito; no segundo nível de leitura, procuramos relacionar a obra como um todo, destacando o autor, seu contexto e gênero literário, bem como seu estilo de escrita específico da obra analisada – o que foi fundamental para a escolha dos trechos escolhidos e destacados nesse artigo –; e uma terceira camada de interpretação, que é o ponto em que extrapolamos o livro, para encontrarmos correspondentes na realidade e na análise teórica baseada na antropologia frankliana. Conforme aponta Ricoeur (1977):

Não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível, mais fundamental que aquele que atinge o discurso descritivo, constataivo, didático, que chamamos de linguagem ordinária. (...) Pela ficção, pela poesia, abrem-se novas possibilidades de ser-no-mundo na realidade cotidiana. Ficção e poesia visam ao ser, não mais sob o modo de ser-dado, mas sob a maneira do poder-ser. (...) Compreender é compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo (p. 56-58).

Assim, orientados por essa hermenêutica, empreendemos a leitura, tentando extrair a compreensão em diferentes níveis, buscando não anular um nível de interpretação em nome

de outro. Após o exame fenomenológico-hermenêutico dos trechos selecionados da obra literária de Dostoiévski, foi realizada uma análise dos temas a partir da antropologia frankliana. Nesse procedimento, foram eleitos alguns trechos das obras de Frankl (2005, 2008, 2018, 2019a, 2019b, 2020, 2021), como fundamento teórico das análises.

1. Sobre “Crime e Castigo”

O livro conta a história do jovem Rodion Raskolnikov, um estudante de Direito, que vive em uma São Petersburgo em plena transformação urbana, com obras de urbanização e feiúras arquitetônicas, sujeiras, calor e mal cheiro por toda parte (Dostoiévski, 2013). O que marca a personalidade de Raskolnikov é a cisão que existe entre suas certezas ideológicas e a forma como a própria realidade se apresenta a ele.

O conflito consigo mesmo e sua própria consciência é o que move a história, e podemos acompanhá-lo a partir de um narrador onisciente, que vai fundo nas reflexões e angústias do personagem. Ele passa seus dias num cubículo escuro, sufocante, e isso também contribui para seu estado de espírito, assim como as opressões do dia-a-dia, como a dívida do aluguel onde mora, o abandono dos estudos e o calor permanente e também sufocante que faz no ambiente da cidade. Tudo isso vai contribuindo para gerar em Raskolnikov um estado emocional de profunda irritação e uma excessiva atenção sobre si mesmo, a ponto de passar horas e dias deitado ou perambulando pelos lugares sujos, imerso em seus próprios pensamentos, e tudo isso só faz aumentar a cisão entre sua moral e a realidade em que vive.

O núcleo da narrativa é um assassinato cometido pelo personagem central, e todo o processo vivido com sua consciência em relação ao ato cometido. O crime é o assassinato, mas o castigo, para além da justiça dos homens, é a forma como lida com a própria consciência moral e os tormentos psicológicos que vive depois de cometer tal ato.

Sônia é uma personagem fundamental para a obra e para a nossa escolha de análise. É uma luz no caminho de Raskolnikov e uma luz que tem em si uma profundidade e complexidade humana. Não é uma heroína sem conflitos, pelo contrário, trata-se de uma mulher que personifica em suas próprias condutas existenciais o “Homem Incondicionado”,

defendido por Viktor Frankl (2019a). Sempre escolhe a vida, acima de tudo, em todas as circunstâncias. E é o oposto de Raskolnikov, que está mergulhado num sofrimento profundo sob a neurose da provisoriedade da vida, no totalitarismo e na indiferença.

É importante dizer que a proximidade dos dois acontece num contexto de gesto de caridade do rapaz. Raskolnikov, apesar da personalidade desorientada por crenças niilistas muito difundidas nos meios políticos e acadêmicos daquele momento em São Petersburgo, mantém alguns gestos de caridade e bondade, especialmente na relação com o pai de Sônia – Marmeladov.

Vemos, por um lado, um jovem disposto a assassinar uma senhora idosa usurária, por acreditar que esse seria um ato extraordinário de limpeza social, já que considerava que ela se tratava de um “piolho” que não faria falta nenhuma à sociedade, por viver de emprestar dinheiro a juros altos se alimentar dos sofrimentos dos outros (Dostoievski, 2013, p. 93). Por outro lado, o mesmo rapaz torna-se uma espécie de anjo da guarda do pai de Sônia, a partir do momento em que o conhece, bêbado e fragilizado, num dos bares escuros e pouco arejados da cidade. Mais de uma vez, Raskolnikov cuida dele e, na ocasião da morte do homem, entrega todo o dinheiro que tinha para pagar os custos do seu sepultamento.

É por meio de sua proximidade com o pai, que o jovem acaba conhecendo Sônia. Primeiro, a conhece pela perspectiva do próprio pai, que conta, em momento de embriaguez, que sua filha “é uma mulher de poucas luzes” (Dostoievski, 2013, p. 45), porque não pôde estudar e teve que encontrar meios de ganhar a própria vida muito cedo, tornando-se prostituta; e depois, a conhece por meio de um encontro com a própria Sônia, na casa do pai dela, numa ocasião em que o jovem o leva de volta para casa, no auge de uma bebedeira.

A escolha dos dois momentos da narrativa para a análise, no presente artigo, envolve os dois personagens, em momentos diferentes. O primeiro momento que será analisado é a confissão que Raskolnikov faz do assassinato da senhora usurária à Sônia⁴, e o segundo momento é o fim do livro, exatamente quando Raskolnikov se reconcilia consigo mesmo na presença amorosa de Sônia⁵.

1.2 A confissão de Raskolnikov

⁴ Dostoievski, F. *Crime e Castigo*. SP: Editora Martim Claret, 2013. Quinta parte, Cap. IV, p. 431-447

⁵ Dostoievski, Fiodor. *Crime e Castigo*. SP: Editora Martim Claret, 2013. Epílogo, Capítulo II, p. 569-577.

Na primeira cena escolhida, o jovem decide ir até a casa da moça, depois do velório e sepultamento do pai dela, decidido a contar toda a verdade sobre o assassinato da senhora e da irmã dela (que também acaba sendo morta a machadada por ele, porque aparece na casa no exato momento da execução do primeiro crime). Ele não vai com a intenção de buscar apoio, mas sim de reafirmar sua tese de que pessoas inferiores devem mesmo morrer, já que, como foi dito anteriormente, oscila entre momentos de angústia e momentos de euforia sobre o ato praticado.⁶

Mas ao contrário do que poderia prever, a fragilidade aparente de Sônia o deixa perturbado. O olhar dela para ele o coloca em outra condição, não mais de quem debocha da vida, mas de quem se encontra com uma verdade irrefutável e que precisa ser posta às claras. Com um misto de ódio, desprezo e ao mesmo tempo uma confiança só explicável pelo amor, ele conta para ela sobre o assassinato, deixando-a totalmente perturbada, mas com o firme propósito de buscar a verdadeira razão para ele ter cometido tal ato. Ele se confunde, se perde, faz voltas em torno das suas próprias justificativas infundadas, como se fossem retiradas camadas de mentiras contadas a si mesmo, até chegar na profunda verdade, naquela verdade que ele mesmo não queria encontrar, que era a da auto responsabilização pelo assassinato, uma responsabilização inegável e que jamais encontraria nenhum tipo de justificativa real por ter sido realizada como um ilusório ato de liberdade, ou de superioridade social como sua tese insistia em afirmar. É a presença firme e ao mesmo tempo compassiva de Sonia que torna possível a Raskolnikov chegar ao núcleo da verdade sobre seu crime.

Alguns meses antes de cometer o crime, ainda como estudante de Direito, o jovem havia publicado um artigo numa revista em que defendia uma tese de que a humanidade estaria dividida em duas categorias de pessoas: as ordinárias e as extraordinárias. As pessoas ordinárias são as obedientes, aquelas que nunca poderão fazer nada que transforme de fato a sociedade. Todavia, aquelas extraordinárias são as que têm a chave da mudança dos rumos da História nas mãos e poderiam, inclusive, praticar crimes porque as leis não teriam sido feitas para elas. Essas teriam “o direito pessoal de permitir que sua consciência passasse por cima... de certos obstáculos, e unicamente naquele caso em que a realização de sua ideia (por vezes salvadora para toda a humanidade, quem sabe) viesse a exigí-lo” (Dostoiévski, 2013, p. 282).

⁶ É importante destacar aqui que Raskolnikov tem uma visão extremamente distorcida dos valores humanos, mesmo que ao longo do romance possamos acompanhar os momentos em que ele também consegue demonstrar uma outra faceta, de piedade ou compaixão em relação a sofrimentos de algumas pessoas que presencia.

Raskolnikov também acreditava que as pessoas geniais, os verdadeiros timoneiros da humanidade seriam seres muito raros, aos quais a tudo seria permitido. Havia escrito no seu artigo que alguns dos maiores benfeitores da História teriam sido assassinos facínoras, que mataram muitas pessoas, mas sempre em prol da melhoria da humanidade⁷ como um todo. E defendia que, se isso não tivesse realmente acontecido, seríamos talvez muito inferiores ao que realmente nos tornamos depois dos atos deles. Um exemplo muito forte citado por ele é Napoleão Bonaparte e todas as suas guerras empreendidas.

Assim, no quarto de Sonia, com sua presença firme e ao mesmo tempo acolhedora, ele acaba se entregando à verdade, como numa espécie de nudez, ao retirar de si as camadas de mentira que alimentara por tanto tempo:

(...) quis matar, Sonia, sem casuística, matar para mim, para mim só! Não queria mentir nem a mim mesmo a respeito disso! Não foi para ajudar minha mãe que matei... bobagem! Não matei, para recebendo dinheiro e poder, tornar-me o benfeitor da humanidade. Bobagem! Matei por matar, matei só para mim: naquele momento, não me importava, em aparência, se me tornaria, mais tarde o benfeitor de alguém por ali ou passaria a vida inteira a apanhar todos, feito uma aranha, com minha teia e a sugar-lhes todos os fluidos vivos!... E o principal, Sonia: não queria tanto dinheiro quando matei; não precisava de dinheiro, mas de outra coisa (...). Precisava saber outra coisa, outra coisa me provocava então: precisava saber, e o mais depressa possível, se era um piolho, igual a todos, ou um homem! Poderia passar por cima ou não poderia? Ousaria a inclinar-me a apanhar ou não? Seria um ser tremendo ou teria o meu direito... (...) Matei a mim mesmo e não a ela! Acabei comigo de uma vez só e para todo o sempre!... E quanto à velhota, foi o demônio quem a matou, não fui eu (...). Ele se debruçou sobre os joelhos e apertou a cabeça com as mãos como se fosse uma tenaz. Sonia deixou escapar um brado dilacerante: - Que sofrimento! (Dostoiévski, 2013, p. 444)

Algo que se destaca nesse diálogo é a confissão de culpa de Raskolnikov, mas de uma maneira tão determinada, que considera a si próprio como um ser irremediado e irremediável. Ao afirmar que, matando aquela senhora matou-se a si próprio, ele confirma sua angústia de uma existência em vão, pois depois do ato feito, pôde sentir na pele que tudo o que defendera ideologicamente era infundado, e que uma atitude dessa, contra a vida de alguém, o colocaria, na verdade, não na condição de soberano como ele havia pensado, mas sim na condição “de um piolho”, um adjetivo que ele mesmo usara inúmeras vezes ao se

⁷ A compreensão acerca do conceito de “humanidade” para Raskolnikov não corresponde, entretanto, a um conceito filosófico que implique valores humanos. “Humanidade” nesse caso, é exatamente a continuidade de sociedades organizadas politicamente ao longo da História. Uma visão sociológica de humanidade, portanto, e não filosófica ou psicológica.

referir à própria senhora. Ao não poder compreender o sentido da totalidade das coisas, desumaniza-se, num gesto de arrogância.

É Sonia quem o recoloca num lugar de humano, trazendo à tona o sentimento de culpa como parte de uma tríade possivelmente transformadora para a recuperação do seu sentido de vida.

Ela o convoca a assumir sua culpa integralmente, a se submeter às leis dos homens, mas se compromete a estar com ele, por amor, e acompanhá-lo na reintegração do seu sentido de vida. Em nenhum momento, na sua sabedoria, pensara na possibilidade de que ele estaria morto socialmente ou então poderia se tornar “um piolho”, como ele mesmo dizia. Ela o via como uma possibilidade de realização, a partir do momento em que assumisse sua culpa, pois nenhum outro sofrimento poderia ser maior e mais recompensador a ele do que o dele mesmo. Sonia, no seu próprio modo de conduzir a vida, vive dentro de um supersentido, uma vez que ganha a vida com a prostituição, mas em nenhum momento isso é capaz de abalar a sua dignidade. A maneira como ela se relaciona com o sentido da vida é, inclusive, fonte de um dos conflitos de Raskolnikov, porque para ele é incompreensível, ao mesmo em que é fascinante, a forma como ela vive:

- O que faço agora? Diz! – falou ele, erguendo de chofre a cabeça e fitando-a com o rosto todo desfigurado pelo desespero. - O que faz? – exclamou ela, levantando-se num impulso, e seus olhos, antes molhados de lágrimas, refulgiram. – Levanta-te! – a moça pegou-o no ombro, e ele se soergueu, mirando-a quase assombrado. – Vai agora, neste mesmo instante, e fica no cruzamento de ruas, faz uma mesura, beija primeiro a terra que maculaste, e depois saúda o mundo inteiro, todas as quatro partes, e diz para todos em voz alta: ‘Eu matei!’. Então Deus te dará nova vida. Tu vais? Tu vais? (Dostoievski, 2013, p. 445).

O livro segue com sua narrativa e não é tão inequívoca a reação de Raskolnikov diante da verdade de sua culpa e responsabilidade individual sobre o assassinato cometido. Após uma conversa com sua irmã, e a caminho da casa de Sônia, para despedir-se dela, antes de se dirigir à delegacia para finalmente realizar sua confissão, suas reflexões são um tanto perturbadas:

‘Estou com raiva e vejo isso’ – pensava ele (...). Mas por que elas [sua mãe, sua irmã e Sônia] me amam tanto, se não mereço tanto amor? Oh, se estivesse sozinho e se ninguém me amasse, e se eu mesmo não tivesse amado jamais a ninguém! Nada disso estaria acontecendo! É interessante saber se nesses

quinze ou vinte anos futuros minha alma se conformará tanto que passarei a choramingar, enternecido, na frente das outras pessoas, chamando a mim mesmo, em qualquer ocasião, de facínora? É isso, sim, isso! Por isso é que eles me mandam agora para a cadeia, é disso que eles precisam... Ei-los todos aqui, correndo pela rua de lá para cá, e qualquer um deles é vilão e facínora por natureza e, coisa pior ainda, é idiota! Tentem só me livrar da cadeia, e todos eles se enfurecerão de indignação sublime! Oh, como odeio a todos! (...) Será que, por meio de algum processo, eu me conformarei afinal, perante todos eles, sem sombra de raciocínio, apenas por força de convicção? E por que não? Minha história, por certo, terminará assim. Será que vinte anos de opressão contínua não acabarão comigo? Água mole em pedra dura... E para que, para que viver depois disso; porque vou agora à delegacia, ciente, eu mesmo, de que tudo terminará assim, como no livro e não de outra maneira? (Dostoiévski, 2013, p. 546)

Quando ele finalmente chega e consegue proceder a sua confissão, o livro poderia ter-se encerrado – afinal temos a confissão pública e agora o personagem é preso em exílio na Sibéria. Teoricamente, a justiça dos homens poderia bastar para alguém se redimir, cumprindo uma pena por assassinato. No entanto, Dostoiévski nos leva a acompanhar uma parte crucial de Raskolnikov na prisão, num processo lento de transformação interior. Ainda vamos nos deparar com um homem amargo, ainda duvidoso de sua culpa e consciência do ato cometido; um homem que, apesar de ter aceito a confissão, também por intermédio do amor que sentia por Sonia, não é ainda um homem redimido para si mesmo.

1.2 “A dialética cedera lugar à vida”

Encontrar as razões para o crime cometido havia sido um desafio muito grande para as autoridades jurídicas que levaram o jovem ao julgamento e à condenação. Nenhuma das razões superficiais – morte para roubar os pertences; ou porque precisava de dinheiro para sobreviver; ou por psicopatia ou sociopatia – conseguiam caber na descrição complexa daquele jovem que vivia, na verdade, o mais profundo dos niilismos fundados pelo seu tempo histórico (Dostoiévski, 2013). É com essa situação que nos deparamos na transição da narrativa, entre sua condenação e o epílogo, que o mostra cumprindo pena em exílio na Sibéria.

Raskolnikov matou uma mulher que ele considerava absolutamente insignificante socialmente e, com isso, esperava se tornar um sábio extraordinário, um verdadeiro líder das massas, um “espírito forte”, já que os grandes líderes da História, segundo ele mesmo havia aprendido, haviam dizimado populações inteiras, mas eram reconhecidos pelo progresso da

humanidade. Ao mesmo tempo em que havia se sentido impelido a entregar-se à polícia por amor à Sônia, por outro lado, também permanecia ainda entregue às suas ideias:

Uma aflição indefinida e inútil no presente e um sofrimento interminável, que nada redimiria no futuro – eis o que esperava por ele nesse mundo. E o que mudaria o fato de que, ao cabo daqueles oito anos de reclusão, ele teria apenas trinta e dois e poderia começar a viver? Por que viveria? O que teria em vista? A que aspiraria? Viver para existir? (...) Nunca se contentava com a existência em si; ele queria sempre algo maior. Talvez fosse tão só a força dos seus desejos que o incitava a considerar-se um homem a quem seria permitido mais do que a outras pessoas (Dostoievski, 2013, p. 570).

Nesse período, Sônia havia optado por se mudar para a Sibéria para ficar mais perto dele. Ela também havia deixado sua vida de prostituição, e passara a dedicar-se a cuidar da vida prática dos presos – escrevia cartas para as famílias e visitava-os também. Por um período, Raskolnikov adoecera, e como consequência havia impedido Sonia de vir visitá-lo por isso. Uma “doença de amargura” para ele (Dostoievski, 2013, p. 569), enquanto isso, ela mantinha-se firme em seu propósito e aparecia à frente da prisão, sempre esperando por um aceno seu, mesmo em silêncio, mesmo à distância.

Foi necessário que ele se visse absolutamente sozinho (a partir de um afastamento de Sônia, por motivos de doença também, mas que ele não soubera a verdadeira razão), para que pudesse finalmente, por meio do profundo sofrimento, de seu próprio *experimentum crucis*, de sua prova de autenticidade de vida, ver-se de frente com o niilismo mais profundamente enraizado nele. Finalmente, havia percebido que, sem ela, transformava-se em um homem nu, desprotegido e exposto, e, principalmente, um homem verdadeiramente sozinho. Quando ela, finalmente, se cura de sua doença e vai ao encontro dele, algo acontece em meio ao silêncio dos dois:

Raskolnikov não sabia como isso aconteceu, mas algo o levou, de repente, a atirar-se aos pés dela. Chorando, ele abraçava os joelhos da moça. (...) Estavam ambos pálidos e magros, mas em seus rostos doentes e lívidos já brilhava a aurora do revigorado futuro e da completa ressurreição para a nova vida. Fora o amor que os ressuscitara. Um coração encerrava inúmeras fontes de vida para o outro. (...) **A dialética cedera lugar à vida**, e doravante sua consciência teria de seguir um rumo bem diferente.” (Dostoievski, 2013, p. 576, grifos nossos).

É importante dizer que na maneira como o autor encerra o livro, é chamando a atenção para a lenta história do personagem que deve começar somente depois dessa experiência. Mas, o que significa escolher a vida ao invés da dialética?

Os conflitos vividos por Raskolnikov e seu lento processo de transformação a partir do amor que o faz transcender em direção a Sônia, nos mostra uma virada metafísica e ontológica da sua forma de ser e estar no mundo. Nessa frase destacada em negrito está o núcleo do problema que até então vinha cindindo o comportamento do personagem, suas atitudes com os outros, consigo mesmo e sua forma de pensar sobre o que poderia vir a ser uma ordem verdadeira.

Dizer que Raskolnikov vivia sob a égide da dialética antes desta ceder o lugar à vida, significa dizer que ele havia sido formado por um pensamento sociologista, cujo ideal seria o de encaixar as pessoas e suas histórias de vida numa única engrenagem social factual, num mundo já preestabelecido. Nessa ideia de dialética caberia uma certa estrutura social em que estaríamos conformados a lutar e a contradizer a sociedade, mas sempre num mesmo viés materialista. Nesse sentido, pensar na vida de uma senhora usurária como um piolho a ser esmagado e na sua atitude assassina como uma benfeitoria à sociedade, é uma maneira de silenciar todo o aspecto facultativo da existência humana, como se dependesse dessa atitude dele uma resposta para a possível melhoria das condições gerais de toda uma sociedade.

Quando Raskolnikov cede à vida, é ao espiritual que cede. É à possibilidade real de que cada homem não se reduz aos seus condicionamentos, às suas condições preestabelecidas.

“O homem é um ser que decide a todo instante, decide o que fará no instante seguinte”, é o que diz Frankl (2019a, p. 288). E a escolha pela vida e pela aceitação da culpa verdadeira⁸ sobre o assassinato cometido, abriu um espaço de reconciliação com sua liberdade espiritual e com a sua existência única e irrepetível no mundo. Abriu também a possibilidade de encontrar o sentido de sua vida, para além de todas as ideologias em que estivera mergulhado nos últimos anos.

Vemos, então, a verdadeira história de um homem em encontro com a vida real, que deve viver um longo e lento processo de transformação de si mesmo, numa reatualização de

⁸ Assim diz Frankl (2019b, p. 195) sobre o sentido do arrependimento: “tanto o luto como o arrependimento têm o seu sentido na história interior do homem. O luto por um homem, que amamos e perdemos, fá-lo de algum modo sobreviver; e o arrependimento do culpado, é como se o fizesse ressuscitar, libertado de sua culpa. (...) Com efeito, o tornar-se culpável pressupõe responsabilidade. E esta, por sua vez, mede-se considerando o fato de o homem não poder derrogar nenhum dos passos que deu na vida; todas as decisões que tomou, da menor à maior, permanecem definitivamente”.

sua consciência quanto às dialéticas ideológicas e passando a optar por experiências de vida real com a sua mulher amada, no lugar das fantasias mórbidas cultivadas pelo seu pensamento solitário. Ele ainda cumpriria mais sete anos de prisão, mas já não seria o mesmo homem que entrara no presídio, desde que seguisse confirmando o sentido da sua própria vida daí em diante e reconhecendo o valor e dignidade de cada vida alheia.

2. Uma compreensão dos dilemas de Raskolnikov a partir de Viktor Frankl

Stefan Zweig (2021), numa análise sobre os personagens de Dostoievski, traz informações relevantes acerca do contexto vivido pelo autor e a relação com seu processo criativo. Diz ele que seria impossível não olhar para a Rússia daquele momento, como uma sociedade perdida e desenraizada de suas tradições rurais, ao mesmo tempo em que via crescer um universo urbano e novas ideias políticas. Nesse contexto histórico, os personagens de Dostoievski seriam marcas de um “povo em transição, com o caos da origem no coração, carregado de conflitos e incertezas” (Zweig, 2021, p. 64).

Viktor Frankl (2019a) chamava a atenção para o quanto a quebra das tradições poderia gerar estas incertezas quanto ao futuro dos homens. Apesar de estar vivendo principalmente no período entre guerras europeu, o contexto de desenraizamento e a necessidade de buscar sentido para a vida vivida sem, no entanto, encontrar amparo na cultura e na sociedade, geraram sintomas próximos aos vividos na Rússia do fim do século XIX, retratada nas obras de Dostoievski.

O homem viu-se diminuído não só no terreno vital, como também no social. A reação a esse vácuo interior consiste no que a logoterapia designa como neurose 'noogênica', isto é, uma neurose que não provém de conflitos ou complexos mentais, mas de problemas espirituais e existenciais. (...) uma colisão de valores, de uma luta em torno do sentido da existência que deve decidir quais os valores mais altos - em outras palavras, a vontade de sentido (Frankl, 2019a, p. 43).

Em Raskolnikov, a sintomatologia descrita por Frankl quanto às neuroses noogênicas aparece tanto no seu tédio em relação à vida, desistindo dos estudos, desinteressando-se pelo amor e pelos cuidados da família com ele, quanto também nas confusões geradas pelo seu pensamento ideológico de se considerar um homem acima dos outros, como se segurasse “um espelho deformador com uma imagem distorcida” (Frankl, 2020, p. 131) tanto de si mesmo, quanto do mundo à sua volta. Vivendo mediado pelas suas próprias fantasias

ideológicas em substituição à realidade, ele deixa, então, de compreender o sentido da totalidade das coisas. E é por isso que, mesmo fazendo a confissão de seu crime, não consegue encontrar-se consigo mesmo e vive preso à arrogância da ideia de poder tornar-se um homem superior. Ele poderia até ter-se ajoelhado na rua, seguindo o conselho de Sônia, mas o gesto em si, não havia sido capaz de fazê-lo ver que ele era parte de um todo:

A suposição de que tudo seja desprovido de sentido implica a outra: que a existência individual é a única instância que confere sentido às coisas, a única portadora de sentido. Ora, isto é orgulho. A humildade faria ver que à totalidade cabe uma parcela maior de sentido – mesmo que este não seja demonstrável. (...) Pelo contrário, faz parte da vida não conseguir abarcar o todo, não compreender o sentido da totalidade e nem o demonstrar. Não basta dizer que a crença num supersentido ‘tem sentido’, *ela é sentido.*” (Frankl, 2019a, p. 294).

Por outro lado, Sônia mantém em cada situação a mesma presença amorosa e se dirige plenamente ao outro. Tem uma postura firme ao ouvi-lo na sua confissão. Depois, ao indicá-lo o caminho da responsabilização pelo crime – por meio do ato simbólico de beijar a terra e confessar a culpa –, reafirma a certeza da espera por ele e pela transformação de sua consciência. Da mesma forma, após o julgamento, ela realiza uma mudança de vida, para permanecer ao seu lado e acompanhá-lo no seu processo de cumprimento de pena. Aprendemos simbolicamente com Sônia, o que Viktor Frankl (2021) diz sobre o amor como um valor vivencial, de entrega ao outro, porque somente naquele estado de intimidade profunda e ao mesmo tempo de integração dela em relação a uma possibilidade espiritual de Raskolnikov, é que o ódio que ele sentia foi se diluindo em busca da verdade que estava plena no coração dele, à espera que ele mesmo a encontrasse:

Assim, o amor descobre e traz à tona possíveis valores da pessoa amada. Também o amor antecipa algo através da sua visão espiritual, justamente aquelas possibilidades pessoais ainda não realizadas que a pessoa concreta, ou seja, a pessoa amada, contém em si. (...) ambos, tanto a consciência quanto o amor, estão ligados a um ser absolutamente individual. É justamente tarefa da consciência revelar ao ser humano 'aquele único necessário', o que é sempre algo exclusivo. Trata-se daquela possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta (...). Refere-se, portanto, a algo absolutamente individual, a um 'deveria ser' individual, que não pode ser abarcado por nenhuma lei geral, por nenhuma lei moral formulada em termos universais (por exemplo, no sentido do imperativo kantiano), mas prescrito precisamente por uma lei individual (Frankl, 2021, p.31).

É fundamental também compreendermos o que Frankl afirma sobre a “visão espiritual” própria do amor, porque faz parte do conceito central da ontologia dimensional frankliana.

Para ele, o ser humano é uma unidade na multiplicidade. Seus aspectos biológicos, psíquicos e espirituais (noéticos) se conciliam na unidade do ser humano que é a fonte original. Mais do que isso, é exatamente no âmbito espiritual que o indivíduo é verdadeiramente humano, porque é aí que incide sua liberdade de decisão. Se, por um lado, suas características psicofísicas eventualmente o limitem de alguma maneira; por outro lado, ele está sempre aberto para o mundo e sempre está dirigido a alguém ou a algo diferente de si mesmo. Esta é a sua condição noética, e que torna possível que ele sempre vá em busca de respostas para o sentido de sua vida. Seja pela presença do amor – como é o caso da relação que Sonia vai estabelecer com Raskolnikov, nas possibilidades que ele tem de vir-a-ser e que ela segue acreditando -, ou então num projeto de vida, num trabalho, numa redenção por uma culpa, qualquer movimento para além de si mesmo, reconhecendo a alteridade e diversidade, é configurador da verdadeira humanidade do homem, por ser do seu aspecto integralmente livre: este é o aspecto espiritual, e que o torna um ser único e irrepetível nos valores que deve realizar em sua situação concreta de vida.

Por isso, o amor é um dos valores de vivência que nos faz encontrar e refazer o sentido da vida (Frankl, 2019b). Caracteriza-se pelo seu caráter de encontro, e possibilita a experiência real da autotranscendência porque depara-se com o que há de único e irrepetível na pessoa espiritual que é amada.

Quando Raskolnikov se vê completamente sozinho, nos dias em que Sônia havia se afastado dele por estar doente, é possível para ele finalmente se deparar com o lugar que ela ocupava na sua vida, a ponto de compreender a importância de manter-se vivo por ela. Seu gesto de liberdade espiritual foi verdadeiro quando se atirou aos pés dela e, chorando, sentiu-se renovado pela experiência de reencontrar, mesmo que num lapso de instantes, o sentido que ele procurava para viver. Não era um amor pelo que Sônia poderia ter para oferecê-lo, mas sim pelo que ela realmente era, em seu caráter único (Frankl, 2019b, p. 227). E foi esse amor que possibilitou a ele a abertura para a realidade, bem como para si mesmo. Mais do que uma experiência meramente afetiva, o amor por ela pôde se transformar em atitude: atitude de enfrentamento de todo o processo de prisão para, lentamente, poder construir uma outra história possível de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viktor Frankl (2019a) sempre defendeu que colocar em questão o próprio sentido da vida não pode ser tomado como algo doentio. Muito pelo contrário, é essa uma expressão do que há de mais humano no homem, porque só ao homem é dada a possibilidade de experimentar o questionamento sobre si mesmo. Nesse sentido, a literatura e especialmente os clássicos literários nos colocam a viver a experiência hipotética de sentir os sofrimentos humanos e poder refletir sobre eles, antes que passem a fazer parte inteiramente de nós, ou mesmo quando já instalados. Pode ser um processo de sarar(-se), tal como defende Pintos (1999), no sentido latino etimológico da palavra *sanus* – uma forma de recuperar o próprio juízo, a própria sensatez.

O que pudemos acompanhar nessas breves linhas sobre os dois personagens, nos diz muito também sobre como “o sentido da vida é a própria vida” (Frankl, 2019a). E é no próprio cotidiano, por meio das experiências proporcionadas pelos encontros amorosos e de amizade; no exercício de transcender a si mesmo em direção a algo ou a alguém, que podemos reatualizar e reordenar as possibilidades de escolha responsável diante dos valores e suas consequências.

Não são atitudes mágicas ou simples que nos fazem superar de uma vez por todas as nossas crises. Sempre podemos voltar à pergunta sobre o sentido da vida; sempre que nos colocarmos diante de dilemas, desafios que nos provoquem a decidir espiritualmente frente às facticidades e condicionalidades da vida. Mas, assim como Raskolnikov, há momentos em que a verdade se coloca à nossa frente, são instantes numinosos ou decisivos que nos impelem a decidir sobre a vida que queremos ter. E a boa literatura permite experienciar esses momentos, como tempo de reflexão, e colocando-nos no lugar dos personagens e de suas atitudes, para pensarmos sobre as nossas. Como bem disse Frankl (2018), naquela conferência na Semana do livro de Viena, em 1977:

Em meio ao mundo do trabalho ameaçado de desumanização, o ser humano espalha ilhas, nas quais pode não somente entreter-se, mas também pensar, não apenas distrair-se, mas também recolher-se. O tempo livre empregado na leitura lhe é útil não para a fuga de si mesmo, de seu próprio vazio, mas permite-lhe 'voltar a si'. Em suma, o livro não lhe serve para uma disposição centrífuga de seu lazer, mas para um lazer centrípeto. Alivia-nos da pressão do desempenho, da *Vita activa*, e nos reconvoça à *Vita contemplativa*, à existência contemplativa, quando menos, de vez em quando (p. 190).

A partir dessas histórias possíveis baseadas em um imaginário ficcional, podemos apreender sobre nossas próprias existências, sobre nossos próprios embates espirituais e

nossas trajetórias individuais em meio às correntezas históricas. Abraçar a vida ao invés da dialética tem um significado profundo de reencontro com o sentido maior da nossa existência. E Dostoievski, ao deixar como último parágrafo da história a informação de que se tratava daqui em diante de uma gradual conversão de Raskolnikov, uma lenta transformação de sua consciência para viver a realidade, a partir de uma transcendência amorosa, é, certamente, uma das maneiras mais bonitas de nos ensinar que o sentido da vida é para ser encontrado, e na própria vida. Aprendamos com os mestres!

REFERÊNCIAS

- Dostoievski, F. (2013). *Crime e Castigo* (O. de Almeida, trad.). Martim Claret.
- Frankl, V. E. (2002). *La voluntad de sentido* (Fundación Arché, trad.). Herder Editorial.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo* (19a ed., V. H. S. Lapenta, trad.). Ideias & Letras.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. (25. ed. rev). Sinodal; Vozes.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia* (I. S. Pereira, trad.). Paulus.
- Frankl, V. E. (2018). *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para se contrapor à neurose coletiva* (3a ed, A. E Allgayer, trad.). Vozes.
- Frankl, V. E. (2019a). *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da Psicoterapia* (R. Bittencourt & K. Bocarro, trad.). É Realizações.
- Frankl, V. E. (2019b). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial* (7a ed, A. M. de Castro, trad.). Quadrante.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia* (I. S. Pereira, trad.). É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *A presença ignorada de Deus* (23a ed, W. O. Schlupp & C. C. Aveline, trad.). Sinodal; Vozes.
- Miranda, L. L. (2014). *Identidade Nacional Russa na Literatura de Viagem de Dostoievski e Herzen*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-14012015-182648/pt-br.php>
- Pintos, C. G. (1999). *Logoterapia em contos* (2a ed, T. C. F. Stummer, trad.). Paulus.

Ricoeur, P. (1977). *Interpretação e ideologia* (4a ed, H. Japiassu, trad.). Ed. Francisco Alves.

Santos, D. M. B. (2016). Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* 68 (2), 128-142.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200011&lng=pt&tlng=pt.

Zweig, S. (2021). *Dostoiévski: Vida e obra* (C. Rabelo, trad.). Nova Fronteira.